

## AGROENERGIA: O RETORNO DA AGRICULTURA COMO PRIORIDADE PLANETÁRIA

Luiz Carlos Corrêa Carvalho<sup>1</sup>  
[caio@canaplan.com.br](mailto:caio@canaplan.com.br)

Na opinião de Felipe González, Ex-Primeiro Ministro da Espanha, energia, além de indispensável para o desenvolvimento econômico e social dos povos do mundo, é chave para a integração regional e multiplicação do desenvolvimento; determinante para uma nova ordem institucional de paz e livre convivência e, importante, deve ser ambientalmente sustentável<sup>2</sup>. Essas condições ou pressupostos caracterizam a estreita relação entre energia e desenvolvimento, que, no século XX, definiu o que foi a Geopolítica do Petróleo. A análise dos últimos 30 anos do século XX mostraram que a carência de energia foi, em geral, um obstáculo imenso ao desenvolvimento; por outro lado, a conhecida expressão “maldição do petróleo” procura, com honrosas exceções, mostrar que a sua abundância não tem sido, sempre, geradora de progresso e bem estar. Sob a ótica da paz, seria muito importante, segundo Ignacy Sachs<sup>3</sup>, “mudar a Geopolítica Explosiva do Petróleo pela Civilização Moderna da Biomassa”. Às constantes guerras e revoluções nas regiões petrolíferas do mundo, se somou, de modo antes não imaginado, uma nova geopolítica do terror, que reforça a tese da influência do petróleo nos problemas da busca da paz.

A partir dos anos 1980, reforça-se a conscientização da importância do desenvolvimento sustentável, que veio passo a passo, na virada da Guerra Fria e na queda do Muro de Berlim, tornando-se prioridade do dia-a-dia das empresas multinacionais e nas empresas de cada país. A globalização acelera-se com o impacto da velocidade das informações e do mundo financeiro. E a fase do liberalismo toma conta do globo por longos anos. No entanto, o modo de vida e as emissões resultantes do uso crescente e desequilibrado do petróleo e seus derivados, gás natural e carvão mineral, geraram um estado de mudanças no clima, não mais aceitos pelas sociedades. Em meio a isso, surge a crise global de crédito e de confiança das pessoas na capacidade do sistema liberal de governo em lidar com os impactos assustadores do desequilíbrio financeiro global, com o desaparecimento do crédito e a quebra de bancos e empresas alavancadas em derivativos financeiros. Passa-se a ver exemplos explícitos da volta do Estado a intervir na economia, como as ações dos governos dos EUA, Europa e Ásia em bancos e mesmo em empresas como a General Motors. Esse novo Capitalismo de Estado, tem, no campo energético, um enorme desafio: afinal, cerca de 80% das reservas mundiais de petróleo estão nas mãos ou sob a coordenação das empresas estatais de petróleo.

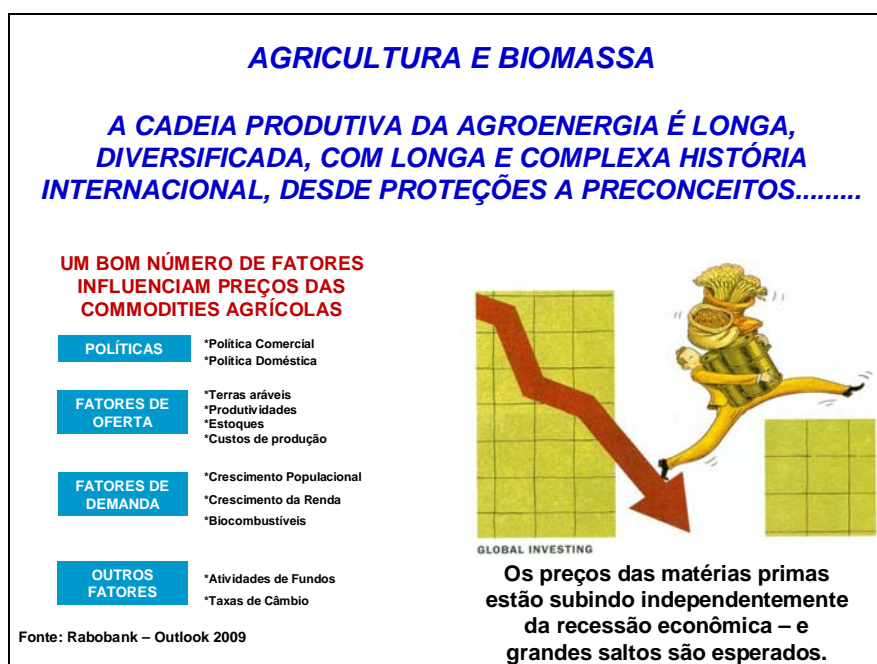
---

<sup>1</sup> Diretor da Canaplan Consultoria; Diretor do Grupo Alto Alegre; Vice-Presidente da ABAG – Associação Brasileira do Agribusiness.

<sup>2</sup> Felipe González, Ethanol Summit Brazil, 2008.

<sup>3</sup> Ignacy Sachs, várias publicações.

Um pouco antes da crise, ainda no 1º semestre de 2008, todos assistiram a um debate sem equilíbrio, sobre o aumento dos preços das commodities, sejam minerais, petróleo ou produtos agrícolas. Mesmo as entidades institucionais globais apresentavam posições divididas sobre o tema. Depois de muitos desgastes, concluiu-se que as consequências de alguns anos com secas expressivas em vários locais no planeta e menores ofertas de “commodities” com o expressivo crescimento da sua demanda face o ritmo elevado do crescimento populacional e da renda per capita, levou aos baixos estoques dos alimentos; ao se somar a isso a fortíssima atuação dos Fundos, comprando “commodities” agrícolas, tem-se a lógica do quadro de preços mais altos, tão bem explicados em profunda análise da FGV-São Paulo. Isso aconteceu com a subida acelerada dos preços do petróleo, face baixos estoques motivados pelo crescimento forte da demanda e sub-investimentos em sua produção. Recentemente, The Economist<sup>4</sup> em análise sobre o tema cita que “o fato dos preços em 2009 estarem acima da média de 2006, mesmo em recessão, sugere que o pico de preços de 2008 não foi somente uma bolha, mas, claramente, o efeito do desbalanço entre a oferta e a demanda; e os preços das “commodities” em 2009 sugerem que há um longo caminho a seguir antes de se obter o necessário balanço”.



Esse aspecto é fundamental para a expansão da Agroenergia como importante fator de mudança no sentido positivo da redução das emissões de CO<sub>2</sub>, desconcentração da oferta de energia e valorização do negócio agrícola.

A FAO, em recente artigo<sup>5</sup>, cita que “a agroenergia poderá redesenhar o tabuleiro econômico e político do século XXI, desconcentrando pólos de abastecimento e propiciando à agricultura dos países pobres papel de destaque na agenda do desenvolvimento”. Portanto, repensar o paradigma da energia é absoluta necessidade. O sistema energético global deve ser

<sup>4</sup> The Economist, July 4 th, 2009.

<sup>5</sup> José Graziano da Silva, Representante da FAO para a América Latina e Caribe.

sustentável, competitivo e seguro. São condições essenciais à transição energética que caracterizará o século XXI. Afinal, a mobilidade, como revolução do século XX, fez do automóvel um objeto de desejo da sociedade mundial. Diz José Goldemberg<sup>6</sup> que “o automóvel é mais do que um simples meio de locomoção, é como gostamos de viver as nossas vidas”. Não por menos as projeções internacionais apontam o fortíssimo crescimento da demanda de energia pelo Setor Transportes.

O Brasil veio observando, pouco a pouco, a quebra de antigos paradigmas como: os cerrados não tem futuro para a agricultura; os trópicos não tem petróleo; ter recursos naturais é ter papel global menor..... Campeão mundial em recursos naturais (lado a lado com a Rússia), o Brasil cultiva, hoje, muito menos de 1/3 do seu potencial agrícola, sem se considerar a derrubada de uma árvore sequer. Quando se questiona sobre a capacidade de sua agroenergia em competir com o petróleo surge imediatamente a imagem hidrocarboneto versus carboidrato. Hoje, no Brasil, o hidrocarboneto teria custos de US\$ 140/ tonelada contra os custos do carboidrato (base cana-de-açúcar) de US\$ 120/tonelada equivalente de petróleo! A diferença é que os custos do petróleo sobem e os dos carboidratos caem.....

Isso não significa que todos os países vão ter os mesmos energéticos ou veículos; cada um vai buscar o seu caminho, como diz Helena Chum<sup>7</sup>, que for o melhor para suas características geográficas e climáticas e para o seu desenvolvimento econômico.

Curar a humanidade de sua dependência em relação aos combustíveis fósseis irá exigir nada menos que uma Revolução Energética Global<sup>8</sup>. Mas voltando aos impactos da atual crise de confiança, Steven Chu<sup>9</sup> analisa aspectos comuns que causam falhas quando geridos em mercado livre: “poluição das águas e do ar; pesca internacional; e mudanças climáticas”. Isso faz retornar o tema anteriormente citado da atuação do Estado no setor de Energia. O mesmo Steven Chu caracteriza um novo modelo que ele chama de Economia Global da Glucose: “culturas agrícolas rápidas seriam plantadas nos tópicos, onde a luz do sol é abundante. Elas seriam convertidas em glucose e esta seria transportada ao redor do mundo como hoje se faz com o petróleo, para conversão em biocombustíveis e bioplásticos”.

Ações efetivas de governo, no campo da educação como processo; crédito de CO<sub>2</sub>; uso de renováveis e eficiência energética, precisam ser estimuladas.

Afinal, o que se vê em descongelamento não põe em risco o esporte de ski, mas água para beber! Nas palavras de Al Gore, “é preciso vontade política que, graças a Deus, é renovável”.

Enquanto isso os investimentos em pesquisa fazem carboidratos se transformarem em hidrocarbonetos renováveis, que usam as mesmas infraestruturas, seqüestrando carbono!

Entre outros aspectos, salienta-se o retorno da Agricultura ao Centro do Desenvolvimento Mundial; investimentos em logística e infraestrutura para reduzir custos operacionais de transporte; e, principalmente, a nova visão da exploração de negócios baseados em carboidratos.

---

<sup>6</sup> José Goldemberg, citado no livro Zoom, de Carlson & Vijai, 2008.

<sup>7</sup> Helena Chum, recente entrevista.

<sup>8</sup> IEA, 2008.

<sup>9</sup> Steven Chu, Secretário de Energia dos EUA, Governo Obama, 11/04/09.

Entre outras, é esperançoso ler o trecho do Relatório da Worldwatch Institute<sup>10</sup>: “Há evidências de que expandir a oferta de etanol nos EUA para incluir mais etanol de cana do Brasil poderia reduzir a demanda sobre as terras agricultáveis americanas, minimizar os custos do milho e contribuir para a melhoria climática”.

---

<sup>10</sup> Worldwatch Institute, Relatório de Julho/09 sobre Biocombustíveis nos EUA.